

Roberta Liana Damasceno Costa*,
Thiago Ayres de Menezes Silva**

Por uma filosofia do porvir: Nietzsche e o pensamento como criação

For a philosophy for coming: Nietzsche and thought
as creation

RESUMO

Dentre os problemas colocados pelo pensamento de Friedrich Nietzsche à filosofia encontra-se o niilismo. Uma vez que esse conceito é empregado com múltiplos significados no percurso intelectual do filósofo alemão, o presente trabalho possui dois objetivos, primeiramente, analisar a importância dessa noção para o projeto de renovação do pensamento filosófico nietzschiano a partir de sua crítica à metafísica tal como ele a concebe; em segundo lugar, examinar o alcance desse aspecto específico de seu pensamento para a construção de outras possibilidades de elaboração da atividade filosófica. Para o primeiro desses movimentos, nos voltaremos especificamente para a problemática da "morte de Deus" em sua relação com o que Nietzsche compreende como a fragilização da metafísica, conduzido até sua aporia própria; para o segundo movimento, veremos como diferentes filósofos lidaram com essa questão e desenvolveram, cada um, à sua maneira, propostas distintas de renovação da filosofia.

Palavras-chave: Niilismo. Hermenêutica. Genealogia. Filosofia Crítica.

ABSTRACT

Among the problems introduced by Friedrich Nietzsche's thought to Philosophy we can find the matter of Nihilism. Since this concept is employed in multiple senses inside the intellectual path of the German philosopher, the present work has two objectives: Firstly, to analyze the importance of this notion to the nietzs-

* Professora da UESPI.

** Mestre em Filosofia.

clean project of renovation of philosophical thought from the critique of metaphysics as He conceives it; secondly, to examine the range of this aspect of his thought so as to build other possibilities of elaboration of philosophical activities. For the first movement, we shall focus specifically on the problem of "God's Death" and its relation to what Nietzsche understands as the embrittlement of metaphysics, led to its own paradox; for the second movement, we shall see how different philosophers dealt with this question and developed, each one in their specific way, distinct proposals to the renewal of philosophy.

Keywords: Nihilismo. Hermeneutics. Genealogy. Critical Philosophy.

Introdução

O problema do niilismo se apresenta como um dos temas centrais no pensamento de Nietzsche desde o início de sua fortuna crítica, como podemos ver pelos cursos de Heidegger, publicados em 1961. Geralmente compreendido como o momento de consumação do fim do pensamento metafísico tal como Nietzsche o concebe, há uma tendência a se entender esse conceito como uma total paralisção do pensamento. Esse artigo busca trilhar um caminho diferente; pensar o Niilismo como um ponto de partida para outras formas de pensamento que escapem àqueles aspectos tão questionados por Nietzsche e uma parte da tradição filosófica que se desenvolveu no século XX.

Para tanto, seguiremos aqui uma trajetória calcada na descrição que o próprio filósofo alemão faz da construção do conceito de niilismo enquanto acontecimento, tendo como referencial privilegiado o capítulo IV de *Crepúsculo dos Ídolos*, intitulado *Como o "Mundo Verdadeiro" se tornou finalmente fábula*. Assim, partiremos da crítica que Nietzsche faz à tradição metafísica na Filosofia até o momento culminante da "morte de Deus" para, a partir daí, ponderar se e como é possível construir um pensamento ainda que sem um fundamento último. É nesse momento que traremos autores que mantiveram e mantêm intenso diálogo com a filosofia nietzschiana para o escopo do texto, de forma a delimitar ainda que provisoriamente alternativas para aquele pensamento que caracteriza a metafísica.

A preparação do Niilismo no seio do pensamento metafísico

O conceito de niilismo sempre foi considerado um ponto central dentro do pensamento de Nietzsche a partir do surgimento de *Zaratustra*. Como aponta Heidegger naquela que se tornou a primeira interpretação notória de Nietzsche, o niilismo é a condição mesma para o grande projeto nietzschiano da transvaloração de todos os valores (HEIDEGGER, 2014, p.483). Isso porque o niilismo é concebido por Nietzsche como o corolário daquilo que ele chamou de o maior dos acontecimentos recentes: a "Morte de Deus". É a partir desse acontecimento, que Nietzsche não propõe como tese cosmológica, é importante lembrar, mas como diagnóstico de sua época, que ainda é a nossa, que ele vai pensar as consequên-

cias do niilismo no que esse tem de paralisante, mas ao mesmo tempo, preenche de possibilidades para uma nova época.

A Morte de Deus não é meramente o abandono do deus cristão como força reguladora da vida moral da civilização europeia, mas algo muito maior que isso, uma vez que não concerne apenas ao campo da moralidade, mas sim a todo o âmbito do pensamento. A tradição da metafísica sempre quis um pensamento que se fundasse em uma Verdade “forte” que lhe sirva de alicerce seguro para a edificação de uma doutrina que abarque todos os campos de preocupação da Filosofia, como a Ética, a Estética, a Teoria do Conhecimento, a Ontologia, dentre outros. Essa estratégia de construção do pensamento fica evidente nas *Meditações Metafísicas* de Descartes, onde toda a construção das bases seguras sobre as quais é preciso construir, derivam da descoberta de uma “Verdade” que não permita nenhuma contradição ou ambiguidade (DESCARTES, 2010, p.135).

Desse modo, essa “Verdade fundante”, que para o Cristianismo é a própria existência de Deus, caso seja solapada, faz ruir toda a arquitetura daquele pensamento. É aqui que Nietzsche aponta uma primeira dimensão do Niilismo para o pensamento metafísico, pois, por essa busca mesmo por uma Verdade para além da aparência das coisas, a própria concepção de Deus, ou de Verdade, não mais consegue se sustentar em bases tão sólidas quanto se gostaria de forma que a própria lógica estruturante dessa forma de pensar colapsa. Quando desaparece, portanto a possibilidade de dar ao pensamento e à experiência um fundamento surge o desespero e a paralisação diante da perspectiva que todo o esforço de pensamento foi em vão (NIETZSCHE, 2013a, p. 31-32). Essa primeira formulação do Niilismo apresenta-se enquanto uma crise que se instaura na possibilidade mesma de um pensamento tal como a metafísica o propôs desde seus primeiros momentos.

Porém, diante dessa crise do pensamento surgem duas posturas que Nietzsche apresenta como radicalmente distintas. Numa delas, há uma tentativa de mascarar essa falência do pensamento metafísico com um transporte das velhas estruturas de pensar para formas que se apresentam como diferentes, mas que buscam restaurar aquelas mesmas crenças em outro terreno (NIETZSCHE, 2013b, p.290). É isso que podemos chamar em Nietzsche de *Niilismo passivo* ou *reativo*. É nesse viés que Nietzsche desfere críticas contra as doutrinas comunistas, por exemplo, pois essas afirmam se libertar de ideário cristão, mas, ao mesmo tempo, tentam revitalizar a sua moral, sem perceber que uma não existe sem o outro.

A outra forma de reação a essa desvalorização daqueles grandes valores é o que Nietzsche chama de *Niilismo ativo*. Essa forma de Niilismo envolve uma afirmação desse mundo sem fundamento último ou significado total, afirma o papel da vontade na determinação de um caminho para a vida e o pensamento, caminho esse que não poderá jamais ser seguro como aquele anterior (NIETZSCHE, 2013b, p.289-290). É preciso esclarecer a diferença entre essas duas formas de Niilismo uma vez que depende dos resultados alcançados ao diferir as mesmas o destino do conceito de Niilismo como herança do pensamento nietzschiano para a Filosofia contemporânea e mesmo a pertinência do pensamento desse filósofo como mero diagnóstico da decadência daquele pensamento burguês ou como uma obra que teria muito a nos dizer nesse momento em que a nossa civilização muda muitos de seus regimes mais uma vez.

Niilismo passivo e niilismo ativo

Para a filosofia de Nietzsche, a atividade do pensamento não é meramente uma contemplação dos atributos da “realidade empírica” na busca de uma compreensão de suas categorias estruturantes, mas sim uma atividade criadora que está submetida a certos valores que se constituem como necessários para a manutenção de uma determinada forma de vida (NIETZSCHE, 1992, p.117-118). Nesse contraste apresentado, temos duas formas distintas de pensar: a primeira caracteriza aquele pensamento tradicional da filosofia, um pensamento que se quer descritivo; já a segunda, apresenta o pensamento como criação hermenêutica engajada com a preservação de certos modos de existência. O niilismo trouxe uma desconfiança quanto ao alcance dessa primeira forma de pensar ao evidenciar a dificuldade estrutural que o conceito de Verdade impõe a si mesmo.

Portanto, Nietzsche apresenta o *Nilismo passivo* como componente daquelas doutrinas que constroem a partir de um fundamento que seria sólido e objetivo, do qual a vontade criadora do espírito está ausente. Ironicamente, podemos considerar exemplos dessas teorias duas construções que ficaram famosas por seu caráter de “suspeita”, a saber, a Psicanálise e o Marxismo, que em alguns momentos foram colocados lado a lado com o próprio pensamento nietzschiano em sua vocação desmitificadora (FOUCAULT, 2013, p. 41-57).

Por sua vez, o *Nilismo ativo* se apresenta como aquele pensamento que adotou o *Perspectivismo* dentro de si; um pensamento que não se entende como definitivo por saber que suas “bases” são dependentes de um jogo de forças que nunca cessa; que possui diferentes pontos de harmonização hierárquica que estão sempre se modificando. Esse pensamento se dá, portanto, de modo transitório. Essa transitoriedade leva a um outro aspecto central do Niilismo ativo: sua plasticidade. Um pensamento como esse precisa cultivar uma moderação da qual Nietzsche fala e que não deve ser confundida com aquele caminho do meio referido a Aristóteles (VATTIMO, 2010, p. 249). Essa moderação concerne à capacidade de sobrevivência ao confronto com todo evento que destruiria as estruturas mais caras a um modo de pensamento, um pensamento que daria mesmo o lugar para o contraditório ou mesmo insondável. É por isso que nos seus últimos escritos, é com a arte e o artista que Nietzsche apontará uma maior proximidade com essa forma de pensar. Cabe agora pensar quais as implicações dessa proximidade apontada por Nietzsche.

Niilismo ativo e a possibilidade de um pensamento “sem fundação”

A importância dessa aproximação que Nietzsche faz do pensamento niilista ativo com a arte pode ficar mais clara se se apresentar a diferença de atitudes que a arte evoca em relação ao conhecimento em contraste com a ciência. A ciência positiva é, para Nietzsche, resultado daquele empreendimento que se inicia com Platão, tendo por base a ideia de um mundo verdadeiro que deve ser alcançado (NIETZSCHE, 2013a, p. 31-32). É dessa forma que Nietzsche vai apontar que a ciência tem um compromisso com a verdade “por mais simplesmente que ela se

manifeste” (IDEM, 2004, p.116). Assim, essa tendência da metafísica tradicional sempre pensará a “Verdade” como algo do que o pensamento se “apropria”. É dessa forma que a filosofia moderna fará seu um projeto de *Aufklärung*, um apropriar-se cada vez mais eficiente do princípio que rege a existência e o pensamento (VATTIMO, 1996, p.VI).

É enquanto busca por essa “Verdade” enquanto esclarecimento daquele que pensa em relação ao que é pensado que a filosofia da modernidade, e também a ciência que surge exatamente nesse momento histórico como uma nova forma de ser do homem (HEIDEGGER, 2015, p.47), concentrará, na consciência, as suas esperanças de apreender através de uma representação adequada (a ideia clara e distinta de Descartes) um conhecimento rigoroso da realidade. Assim, o conhecimento, tanto filosófico quanto científico, sempre buscou o estabelecimento de critérios que garantissem a clareza e objetividade da atividade da consciência em seu caminho rumo à “Verdade”, e a apresentação de uma teoria explicativa era sempre considerada um ganho na medida em que apresentasse uma “superação” em relação às explicações precedentes. Por isso, é também na Modernidade que se estabelece uma versão laica do conceito de história judaico-cristão, que via o caminhar histórico como um progresso rumo a um total desenvolvimento da humanidade.

Se isso caracteriza aquela imagem do pensamento que Nietzsche acredita ter se tornado impraticável em decorrência da sua exacerbada realização, cabe agora pensar em que aspectos a arte servirá de modelo para essa nova possibilidade de pensamento.

A conclusão do processo de esclarecimento perseguido pela cultura Ocidental é precisamente a fabulização do mundo verdadeiro. Isso não leva a um enaltecimento do “mundo aparente”, mas precisamente à concepção de que todo aquele pensamento que se queria descritivo e desinteressado que fora levado a cabo pela filosofia e ciência dos séculos anteriores também era “interessado”, constituía uma “interpretação” e não um “texto”. Assim, a Filosofia (ou o pensamento de modo geral) não vai mais se constituir em uma epistemologia, mas sim em uma hermenêutica, um saber interpretativo onde há um *investimento* do “objeto” por parte do “sujeito” (ainda que esses termos se mostrem completamente inadequados para essa outra forma de pensamento uma vez que até mesmo essa distinção encontra-se como *uma* possibilidade específica do pensamento e não um imperativo transcendental como era pensado por grande parte dos teóricos da filosofia moderna).

É por isso que uma tendência da filosofia contemporânea que se remete ao pensamento nietzschiano acaba por atribuir grande importância aos aspectos interpretativos de qualquer atividade de pensamento. Dessa forma é que Gianni Vattimo vai considerar o pensamento de Nietzsche como uma contribuição decisiva para aquela “escola filosófica” denominada ontologia hermenêutica (VATTIMO, 2010, p133 ss.); ou Michel Foucault, que aproximará o trabalho de Nietzsche a um saber histórico que se aproxima daquela sua forma própria de fazer filosofia (FOUCAULT, 2012, p.55 ss.); ou Gilles Deleuze, que aponta como as grandes contribuições da filosofia nietzschiana ao pensamento que se lhe seguiu a substituição de um ideal de descobrimento da “Verdade” pelas atividades de *interpretação* e *avaliação* (DELEUZE, 2009, p.17 ss.). Todas essas leituras de Nietzsche

apontam para o procedimento genealógico como a forma *par excellence* de exercício de pensamento após o advento do niilismo.

É dentro dessa perspectiva que Vattimo apresentará o sentido da “Filosofia da Manhã” apresentada ao final de *Humano, Demasiado Humano*: como “um pensamento da errância” (VATTIMO, 1996, p.176), indicando que o pensamento não mais deverá buscar a origem das coisas, mas a abundância de sentidos que perpassam um evento qualquer que se busca pensar (NIETZSCHE, 2008, p.41-42). Assim, a relação com a tradição metafísica é dotada de uma mudança de atitude que caracteriza aquele “bom temperamento” do qual Nietzsche fala no aforismo 34 de *Humano, Demasiado Humano* (NIETZSCHE, 2004, p.40-41). Esse “bom temperamento” pode ser compreendido como aquela relação com a aparência tal como Nietzsche apresenta no aforismo 54 de *A Gaia Ciência* (NIETZSCHE, 2011, p.92). Lá, a aparência não é pensada como oposto de uma essência, como um encobrimento da “Verdade”, mas como aquilo mesmo que sustenta a existência, como a existência mesma (NIETZSCHE, 2011, p.132).

É dessa forma também que Foucault pensa em uma contribuição nietzschiana para a filosofia. Em um artigo de 1971, chamado *Nietzsche, a Genealogia e a História*, Foucault aponta a distinção do pensamento nietzschiano para aquele da metafísica tradicional com base em dois termos que Nietzsche utiliza para se referir ao conceito de origem, mas assinalando essa distinção entre um pensamento genealógico daquele metafísico: *Ursprung* e *Herkunft*. Enquanto a *Ursprung* é concebida como aquela origem miraculosa que os filósofos sempre buscaram para as coisas, a *Herkunft* seria antes uma *proveniência* de algo. Mas, como aponta Foucault, essa proveniência não serve ao pensamento genealógico para buscar uma consolidação de identidade via herança, mas para demonstrar que, mesmo naqueles lugares onde se supõe uma identidade (como o próprio sujeito metafísico ou transcendental, centrado na consciência), há sempre uma pluralidade de acontecimentos que perduram, que sobrevivem ainda que como vestígios de um outro tempo (FOUCAULT, 2012, p.62).

Para complementar a distinção entre o procedimento de um pensamento genealógico e aquele do pensamento metafísico que perpassa a tradição filosófica, Foucault contrapõe a *Ursprung* metafísica a um outro termo alemão usado por Nietzsche e que também pode ser traduzido por “origem”: *Entstehung*. Essa palavra será traduzida por Foucault como *emergência*, ponto de surgimento. Aqui, Foucault encontra um dos conceitos mais produtivos para o seu próprio trabalho filosófico, pois a *Entstehung* é o momento em que emerge uma nova interpretação de algo, interpretação essa que não busca esclarecer o significado desse “algo”, mas antes lhe atribui um novo significado que é de fato o que faz algo “surgir”. É dessa forma que, para ficar-se em apenas um exemplo, Foucault consegue pensar o surgimento da sexualidade em *A Vontade de Saber* (FOUCAULT, 2014, p.16). Para se entender o que movimenta essas interpretações, deve-se passar para a leitura que faz Deleuze da filosofia nietzschiana e da sua importância para o que esse filósofo entende como o todo da atividade filosófica.

Na abertura de sua obra *Nietzsche e a Filosofia* (1962), Deleuze afirma que a projeto mais geral do pensamento nietzschiano era introduzir os conceitos de *sentido* e *valor* na filosofia, de forma a transformá-la em uma crítica radical (DELEUZE, 1978, p.05-06). Essa crítica se caracterizaria precisamente por uma atividade ge-

nealógica que visaria esclarecer o sentido das coisas (um objeto, conceito, acontecimento), relacionando-os com os valores que fundamentam as interpretações que lhes atribuem esses sentidos, e que encontram sua própria fundamentação em formas de apreciação relacionadas com modos de ser. A esses modos de ser, essas avaliações que constituem o sentido das coisas ou, ainda, as coisas mesmas, Deleuze chamará força, que aqui, não deve ser compreendida como uma coisa externa ao objeto, mas como a tendência hermenêutica que se apodera de algo para lhe dar mais um significado.

É com referência a essa maneira de entender a atividade filosófica que Deleuze irá mais tarde afirmar que as questões de origem das coisas, de busca por um princípio, nunca lhe interessaram, mas sim buscar essa coisa pelo meio e tentar desembaraçar todos os fios que se conectam nela (DELEUZE, 2013, p.113). Em sua produção pós maio de 68, quando ele passa a escrever com Félix Guattari, Deleuze ainda persistirá na ideia de um pensamento sem fundamento, que não busca se constituir como edificação em bases seguras, para retomar aqui a expressão de Descartes, mas que procederá por aproximações, criando *agenciamentos coletivos de enunciação*, ressonâncias produzidas por cadeias semióticas distintas (DELEUZE; GUATTARI, 2011, p. 22-23). É nesse sentido que esses dois pensadores irão contrapor a um pensamento *radicular* o conceito de *rizoma* (IBIDEM, p.17).

Conclusão

Assim, pode-se apresentar, como as considerações finais deste trabalho, que, a partir da leitura que Nietzsche faz do caminhar da tradição metafísica, o pensamento não se encontra em uma situação de paralisia mas numa outra atitude que indica um caminho a se perseguir. A história do pensamento passa a ser encarada como algo ainda mais rico do que fora anteriormente, pois os diversos aspectos da cultura (seu pensamento científico, político, estético, moral, etc) não são mais encarados como perspectivas parciais no caminho de uma transparência cada vez maior da situação na qual a humanidade se encontra, mas como um arranjo de significações que compõem um modo de ser com implicações as mais diversas quanto a um “destino” possível da “humanidade” (que não é mais pensada como essa unidade cultivada pela tradição humanista, sendo o termo portanto concebido em um tom bem mais “fraco” do que normalmente o fora).

Referências bibliográficas

- DESCARTES, René. *Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. 1972-1990. 3. ed. São Paulo: Edições 34, 2013.
- _____. *Nietzsche*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- _____. *Nietzsche e a filosofia*. Porto: RÉ S Editora, 1978.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Edições 34. 2011.

FOUCAULT, Michel. "Nietzsche, a Genealogia e a História". In: *Microfísica do Poder*. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

_____. "Nietzsche, Freud, Marx". In: _____. *Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária. (Ditos e Escritos II). 2013.

_____. *História da Sexualidade I. A Vontade de Saber*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2014.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2014.

_____. *Ser e Tempo*. 10. ed. Petrópolis: Editora Vozes; Bragança Paulista. Editora Universitária São Francisco, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Aurora*. Reflexões sobre os Preconceitos Morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Crepúsculo dos Ídolos*. Ou como se Filósofa com o Martelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013a.

_____. *Fragmentos Póstumos*. Vol. VI: 1885-1887. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2013b.

VATTIMO, Gianni. *O Fim da Modernidade*. Niilismo e Hermenêutica na Cultura Pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *Diálogos com Nietzsche*. Ensaios 1961-2000. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

Sobre os autores

Roberta Liana Damasceno Costa

Doutoranda em Filosofia Moderna e Contemporânea pelo Programa de Pós graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. Professora substituta no curso de Filosofia da UESPI - Parnaíba. E-mail: robertadamasceno@msn.com

Thiago Ayres de Menezes Silva

Mestre em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Piauí – UFPI. E-mail: ayres-thiago@hotmail.com

Recebido em 22/7/2018

Aprovado em 12/11/2018

Como referenciar esse artigo

COSTA, Roberta Liana Damasceno; SILVA, Thiago Ayres de Menezes. Por uma filosofia do porvir: Nietzsche e o pensamento como criação. *Argumentos: Revista de Filosofia*. Fortaleza, ano 11, ano 21, p. 174-181, jan.-jun. 2019.